



A comunicação como campo interdisciplinar: uma análise das interfaces com a Ciência da Informação¹²

Lorena Rúbia Pereira Caminhas³

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

Resumo

Neste artigo foi proposto olhar a ciência da comunicação de um ponto de vista interdisciplinar, a partir de um estudo de caso das interfaces entre comunicação social e ciência da informação. Ao olhar um campo em meio suas interconexões com outro, torna-se necessário atentar para as contribuições, vinculações e encadeamentos advindos dessas interconexões. No presente trabalho demarcou-se o conceito de informação como ponto nodal entre as duas disciplinas, sendo o conceito analisando a luz dos manuais de teorias da comunicação, dos quais foram extraídas as principais acepções de informação abrangidas pelo corpo de teorias da comunicação. Ao final do percurso, percebeu-se uma profusão de entendimentos para a informação, que flutuam de um entendimento como conteúdo uniforme das mensagens ao de material simbólico das mensagens nas trocas sociais.

Palavras-chave:

Comunicação; Informação; Interdisciplinaridade.

Introdução

A Ciência da Comunicação se constituiu recentemente numa área de pesquisa com suas próprias questões, conceitos e objetos e ainda vem tentando se firmar como um campo científico autônomo e definir suas fronteiras em relação às demais disciplinas das ciências sociais. Considerada um campo teórico interdisciplinar, que está envolta por conceitos e proposições de outras disciplinas, torna-se necessário demarcar suas especificidades em relação aos outros campos de conhecimento. Para tanto, é preciso

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Este artigo apresenta os resultados do projeto de IC PIBIC/CNPq denominado “Análise do Conceito de Informação em Estudos de Comunicação: avaliação e descrição das mutações no conceito provocadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)”. A pesquisa foi orientada pela Prof^a. Dra. Juçara Gorski Brittes, professora Adjunta do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFOP.

³ Estudante do 8º semestre de Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bolsista de Iniciação Científica do PIP/UFOP e integrante do Grupo de Pesquisa “Plataformas midiáticas, informação e opinião”.



buscar os programas-chave que constituem essa disciplina, seus principais conceitos e suas principais interfaces. (MARTINO, 2001; 2003)

Atualmente, o estudo da interdisciplinaridade da comunicação tem sido debate constante entre vários pesquisadores na tentativa de delimitar o campo de abrangência da comunicação e entender as contribuições basilares e consequências desses aportes para o campo. Isso se deve à importância de se destacar o papel particular da comunicação e de seus objetos em meio a tantas contribuições, numa tentativa de distinguir este campo daqueles que o cercam. (BRAGA, 2001; LOPES, 2003; PRADO, 2003).

A fim de entender a comunicação enquanto um campo interdisciplinar desenvolveu-se uma pesquisa teórica, realizada por meio de material bibliográfico, de caráter qualitativo e exploratório. Como interface da comunicação selecionou-se a Ciência da Informação, entendendo que o próprio conceito de informação perpassa várias das pesquisas da comunicação, estando presente desde suas primeiras teorizações, como na teoria de Shannon, quanto nas correntes de estudo mais recentes, como as contribuições advindas da Escola da Palo Alto (WOLF, 1999; MATTELART e MATTELART). O principal objetivo deste estudo consiste em sistematizar as propostas teóricas a respeito do conceito de informação retiradas das principais teorias da comunicação e, desse modo, ampliar o entendimento do conceito em estudo. Além disso, buscamos entender as alterações sofridas pelo conceito em uma perspectiva histórica.

Para a realização deste exame, foram eleitos os manuais de teorias da comunicação como *corpus* analítico, entendendo que eles são um ponto de partida para se refletir sobre o campo teórico da comunicação. Dentre as várias tentativas de se delimitar a comunicação social e seus principais objetos estão os manuais da disciplina, livros cujo conteúdo objetiva remontar a história das pesquisas em comunicação e delinear as principais problemáticas estudadas, os objetos em enfoque, a evolução e mutação das perspectivas teóricas ao longo dos anos. Esta bibliografia tenta firmar um campo de atuação para a comunicação enquanto disciplina teórica, definindo teorias, conceitos e metodologias empregadas na área.

Além dos manuais, foi eleito um conjunto de bibliografias complementares, que consistem em traduções das obras originais dos teóricos da comunicação ou livros que fazem comentários mais aprofundados sobre essas teses. Incluímos, ainda, volumes que analisam o desenvolvimento do campo da comunicação de uma perspectiva histórica,



outros livros de estudo da mídia e da constituição epistemológica do campo da comunicação.

Para delimitar o conceito de informação propomos a utilização dos pressupostos do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, que sugere fazer proposições de ordem geral a partir dos dados singulares obtidos na pesquisa. Configura-se como “uma atitude orientada para a análise de casos individuais, reconstruíveis somente através de pistas, sintomas, indícios” (GINZBURG, 1989, p.154). A partir de indícios concretos em circunstâncias específicas, é preciso selecionar e organizar para fazer inferências e não somente descrever as informações sobre os objetos singulares.

Como indícios que norteiam a pesquisa estão as palavras e expressões comumente relacionadas ao vocábulo informação dentro das pesquisas em comunicação. São eles: mensagem, conteúdo, conhecimento, orientação de comportamento, símbolos e signos, linguagem e material simbólico. A partir da demarcação destas expressões nos manuais inferimos quais os significados apontados para o vocábulo informação.

A informação nas teorias da comunicação

Para entendermos qual o conceito de informação adotado pelas ciências da comunicação buscamos por indícios nas diversas propostas teóricas apresentados pelos manuais. A partir da primeira análise do material bibliográfico constatou-se que não era somente um conceito para a informação que atravessa as diversas teorias, mas uma profusão deles, que se transformavam a partir da mudança da preocupação principal que a proposta teórica ensejava.

Para organizar e demonstrar quais os indícios e quais conceitos para a informação encontrados produzi categorias de análise montadas a partir da seleção da ênfase dada por um conjunto de estudos a uma problemática específica da comunicação e dos indícios vinculados a uma visão da informação específica, que teria relação direta com o problema de estudo em relevo na comunicação.

A proposta analítica partiu, primordialmente, da proposição de Melvin DeFleur e Sandra Ball-Rokeach (1993) sobre a natureza da evolução dos estudos da comunicação de massa, em que as proposições teóricas da comunicação fazem uso de uma mesma estrutura do processo comunicacional, correspondente ao par estímulo-resposta (E-R), e inclui uma variável interveniente entre a estrutura, o que corresponde à ênfase dada a



um dos componentes envolvidos no processo de comunicação e a uma problemática específica que é enfatizada no estudo.

Destarte, selecionamos seis categorias: 1) Comunicação de massa, efeitos e influências; 2) Comunicação de massa e construção de significados; 3) Comunicação de massa e meios de comunicação; 4) Comunicação de massa, cultura e sociedade; 5) A Teoria Matemática da Comunicação e 6) Teorias da Comunicação na América Latina. No domínio de cada grupo agregamos os modelos teóricos da comunicação concernentes a cada problemática, definidos a partir de uma conjugação das diversas divisões sugeridas pelos manuais.

A primeira categoria diz respeito aos estudos da comunicação que se preocuparam com a influência ou dos efeitos que a mensagem transmitida pela mídia poderia suscitar no comportamento do receptor. Estes estudos são os primeiros a serem desenvolvidos no âmbito da comunicação pelo Mass Communication Research dos Estados Unidos, que buscavam entender “que efeito têm os mass media numa sociedade de massa?” (WOLF, 1999, p. 20). Em contrapartida aos estudos administrativos norte americano, a Teoria Crítica culminou na Europa, fazendo uma crítica da cultura de massa e do papel dos meios de comunicação nesse contexto. O uso do conceito de sociedade de massa, que caracterizava a sociedade como uma massa de indivíduos isolados psicologicamente, ocasionado pelo enfraquecimento dos laços tradicionais, foi empregado por estas duas correntes de estudo. (WOLF, 1999; DEFLEUR e BALL-ROKEACH, 1993).

Neste contexto a comunicação foi considerada pela teoria hipodérmica como um processo de estímulo e resposta, em que o indivíduo é influenciado diretamente pelas comunicações de massa e os efeitos são dados como certos. O modelo de Lasswell que descrevia a comunicação através das perguntas “quem, diz o quê, através de que canal, com que efeito?” (WOLF, 1999, p. 26), seguiu algumas perspectivas fornecidas pela teoria hipodérmica, entendendo que o processo comunicacional obedece a três premissas: é um processo assimétrico, com um emissor ativo, é intencional e objetiva um efeito e o comunicador e o destinatário estão isolados neste processo. (WOLF, 1999).

A posição desenvolvida pelo lado crítico foi embasada no conceito de indústria cultural de Adorno e Horkheimer. Para esta proposição a indústria cultural especulava sobre o estado de consciência e inconsciência da população, transformando-os em objeto para a indústria. Ela reorienta as massas, impões os esquemas de comportamento



e não permite a consciência plena, mas induz ao conformismo. As comunicações seriam uma parte desta indústria que orientam os produtos culturais segundo o princípio de comercialização e escamoteiam o conteúdo próprio a ele. (ADORNO, 1971).

A informação é considerada como configurações de ideias e ideais concebidos pelo comunicador e tem valor de persuasão e interfere diretamente no comportamento do destinatário. É uma realidade construída, passada a partir de um fenômeno linear (ILHARCO, 2003), que substitui a experiência cotidiana da cultura e da vida em sociedade e se transforma em esquema prático a ser aplicado pelos indivíduos na realidade cotidiana. (SERRA, 2003).

No seguimento dos estudos dos efeitos, Paul Lazarsfeld propõe o duplo fluxo da comunicação, dando ênfase aos intermediários e na relação dos líderes de opinião com o grupo. O comportamento dos indivíduos diante das comunicações de massa foi entendido como um processo de interação desses indivíduos em um grupo primário, cujo líder de opinião era o mais bem informado, portanto exposto às comunicações de massa, que passavam as informações para os demais membros do grupo. Neste ponto dos estudos, os efeitos não eram mais tidos como certos, mas estudados para entender a origem do estímulo e a natureza da resposta dada pelos indivíduos às comunicações de massa. A abordagem empírico-experimental adicionou mais duas problemáticas que deveriam ser perseguidas pelos estudos dos efeitos, quais sejam, as características dos destinatários que possam intervir no efeito desejado e a organização das mensagens com finalidades persuasivas. (WOLF, 1999; DEFLEUR e BALL-ROKEACH, 1993).

As teorias se ramificaram para o estudo dos efeitos a longo prazo, dos quais a proposta do agenda setting e da espiral do silêncio caracterizam o momento. Estes estudos consideram que os efeitos são obtidos através de processos cumulativos e que as comunicações não intervêm diretamente no comportamento, mas influencia a maneira como pensa e comporta o destinatário. O entendimento do que é informação muda, pois há a inserção de processos psicológicos e estruturais relacionados a sua construção e recepção. A informação se figura entre o sujeito individual que pensa e interage com o mundo a sua volta e a comunidade que interage entre si. Além disso, é entendida como uma estrutura passível de uma organização ótima para produzir determinado efeito. Ela está arrolada a sua dimensão de admissão de conhecimento, se configurando como material primordial na tomada de decisões e, conseqüentemente, influenciando o comportamento.



A ênfase dos estudos arrolados na segunda categoria é a construção de significados e sentidos pelos produtos veiculados pela mídia a partir do uso da linguagem, dos signos e símbolos. Ela engloba os estudos que tentaram prever como a mídia engendra construções simbólicas no seio da sociedade e como se procedem a essas trocas, principalmente por meio da linguagem. São propostas relacionadas primordialmente com os estudos semióticos e a teoria linguística.

Os estudos da linguagem e dos signos empreendidos na comunicação são contribuições do estruturalismo e da semiótica, que aprofundaram o estudo dos discursos veiculados nas mídias. Consideram que as linguagens, sistemas complexos e organizados de signos, imagens, gestos, sons e objetos, são uma instituição social que produz sentidos e significação sobre o social. (MATTELART e MATTELART, 1999). É uma criação simbólica coletiva construída a partir da comunicação, processo que condiciona a interação social. A comunicação sedimentaria o conhecimento que temos do mundo ao qual acessamos através da linguagem, que “representa a forma de mediação social do conhecimento.” (RÜDIGER, 2004, p. 82).

Dentre as diversas propostas para a comunicação advindas do estudo da linguagem, Mauro Wolf (1999) aponta dois modelos principais que condensam a ideia das perspectivas desenvolvidas no âmbito da linguagem: o modelo semiótico-informacional e o semiótico-textual. O primeiro modelo se articula em termos de mensagens isoladas e a partir do conceito de código, que introduz os fatores semânticos ao estudo das mensagens. Busca compreender como se articulam o código e os mecanismos de atribuição e reconhecimento de sentidos. (WOLF, 1999). Considera que as mensagens, a partir da articulação dos códigos, podem ser preenchidas por vários significados, desde que existam vários códigos e regras de correlação entre eles. O segundo modelo considera que os destinatários recebem conjuntos textuais e não mais mensagens isoladas, que são passíveis de várias significações. Para esta posição os destinatários possuem sistemas de conhecimentos fornecidos pelos conjuntos textuais da cultura que interagem com o sentido construído pela mensagem para formar seu significado. (WOLF, 1999).

A informação, nesses estudos, é uma representação em formas de símbolos e signos: “a informação é o próprio significado; ela é o significado para o sujeito que experimenta a ação de ser/estar/ficar informado” (ILHARCO, 2003, p. 48). A representação da informação é um código passível de ser registrado e perpetuado, que possui os significados das mensagens e conteúdos dos significantes linguísticos. A



informação está incorporada na linguagem, envolve processos cognitivos, e está formalizada em um código linguístico compartilhado socialmente. (RIBEIRO e SILVA, 2002).

A terceira categoria engloba os estudos que se fixaram em desvendar a natureza dos meios técnicos de comunicação. Privilegiaram a ênfase nas técnicas e tecnologias da comunicação representada pelo paradigma midiológico. As primeiras preocupações nos estudos em comunicação sobre a natureza dos aportes tecnológicos que auxiliam na mediação das mensagens vêm do modelo teórico desenvolvido por Shannon e Weaver, sendo desenvolvidas mais tarde as preocupações de Marshall McLuhan e, mais recentemente, as discussões sobre comunicação mediada por computador e sobre a internet, dando início a uma categoria geral denominada ciberespaço, que leva em conta não apenas a discussão do suporte técnico, mas intenciona discutir suas consequências e alterações provocadas na sociedade.

Aluizio Trinta e Illana Polistchuk (2003) entendem as proposições de McLuhan como estudos sobre a lógica da mídia, estando sua contribuição situada no bojo das teorias funcionalistas norte americana. Descrevem seu modelo como técnico-antropológico, uma vez que a preocupação se situa nos efeitos provocados pelos meios de comunicação sobre a vida individual e coletiva. A mensagem, nesta perspectiva, é “uma ‘mensagem’ psíquica, isto é, conjunto de resultados práticos de uma tecnologia da comunicação sobre o sensorio humano.” (TRINTA e POLISTCHUK, 2003, p. 135). O meio técnico é entendido como uma prótese que prolonga os sentidos do corpo humano, o que provoca a intensificação da percepção. Desta forma, toda tecnologia de comunicação constrói um novo ambiente envolta de si, e reconfigura a estrutura social, do que deriva a sua frase mais famosa de que “o meio é a mensagem” (MCLUHAN, 1974).

Os estudos da comunicação pensados a partir do advento dos computadores e das redes entendem a comunicação como um conjunto de redes interligadas, que possuem uma vertente técnica e sociológica em simbiose. Os livres fluxos de comunicação e informação possibilitam um novo espaço para a expressão da sociedade, que difere da lógica das comunicações de massa, um-todos, e passa-se ao modelo de comunicação todos-todos. Há novas maneiras de transmitir, estocar e produzir a informação, complexificando as trocas comunicativas. (LÉVY, 1998; LEMOS, 2008).

A correlação desta categoria ao conceito de informação corresponde a sua possibilidade de inscrição em um suporte físico, registrada em suporte



técnico/tecnológico, “em que a informação é a quantidade mensurável em *bit*, ou seja, a informação métrica” (RIBEIRO e SILVA, 2002, p. 22). No entanto, ela é também qualitativa, entendida como um conjunto estruturado de mensagens que possuem significados através da relação entre os sujeitos. Ela é considerada uma representação da realidade, “altera a percepção do real que por sua vez é equivalente a alterar a própria realidade.” (ILHARCO, 2003, p. 42), que pode ser incorporada através de uma experiência estruturada através de textos. É matéria das trocas e relações na sociedade e também o material de trocas para o aparato tecnológico com outras tecnologias e com o homem.

A quarta categoria abriga os estudos que privilegiaram a abordagem da relação entre os produtos das comunicações de massa e sua interferência na sociedade e na constituição da cultura. As conexões da cultura, a sociedade e os meios de comunicação se afiguraram como principal preocupação, que buscaram investigar como as mensagens são introduzidas no cotidiano da cultura e reprocessadas pelos indivíduos que as recebem. É através da análise da cultura que se torna possível dizer quais são as ideias e as práticas em voga na sociedade, uma vez que a cultura é produzida pelas relações dos indivíduos no cotidiano e não há consumo passivo de algo já estruturado. Considerando-se a produção da cultura, enfatiza-se a ação, entendendo que o mundo empírico é construído pelos seres humanos em interação, buscando adequar suas linhas de ações. Os processos através dos quais são entendidas e indicadas as diversas ações desenvolvidas na interação é a interpretação e designação, compondo um processo de interação simbólica, em que a natureza dos objetos apreendidos compreende o significado que ele possui para a pessoa que o apreende. (BLUMER, 1984).

Esta concepção vai ao encontro da concepção orquestral de comunicação que Yves Winkin (1998) aponta como a perspectiva desenvolvida por Palo Alto. A consideração mais importante advinda desta escola é que participamos da comunicação e, portanto, não podemos não comunicar. A comunicação, neste sentido, conjuntos de comportamentos que são significativos perante a cultura. “Numa perspectiva comunicacional ‘orquestral’, a vida em sociedade é encarada como uma estrutura em processo perpétuo, uma realização permanente, uma performance de todos os instantes.” (WINKIN, 1998, p. 18).

A componente informacional correspondente é a da interação sujeito-mundo-sujeito, em que a informação corresponde a toda matéria de troca socialmente constituída; se configura como a interação dos sujeitos no mundo e a posiciona como



objeto de sentido convencionado atribuído pelos seres humanos. A informação é essencialmente pragmática e intersubjetiva, construída na interação de sujeitos. (SERRA, 2003). O ajustamento da situação de interação é feito através da informação, que transmite uma disposição de comportamento modelado pelos relacionamentos prévios e pela identificação da situação da interação. (ILHARCO, 2003). A informação só tem sentido a partir do e para o sujeito, e só assume um valor simbólico socialmente aceito no fato de poder ser assimilada como conhecimento, em informação aplicável na ação que forma a cultura.

A proposta da Teoria Matemática da Comunicação é herdeira da perspectiva cibernética e sistêmica e desenvolve seu próprio conceito de informação, que está em consonância com as características de contingência e imprevisibilidade do conceito: “debruça-se sobre a estrutura de sinais sem considerar os significados que eles possam ter, concentrando-se de um ponto de vista da engenharia da informação no problema de selecionar a mensagem certa.” (ILHARCO, 2003, p. 53). A informação não é o mesmo que o sentido, mas uma entidade passível de mensuração e análise estatística. Ela é uma medida de quantidade de escolhas que é possível ao selecionar uma mensagem; é um padrão ou unidade de quantidade. A comunicação, por sua vez, é entendida como um sistema composto por uma fonte de informação, transmissor, canal, receptor e destinatário, o que se refere à componente técnica da comunicação. As questões envolvidas neste tipo de estudo da comunicação são a quantidade de informação, a capacidade de um canal de comunicação, processo de codificação da mensagem em sinal e os efeitos do ruído. (WEAVER, 1971).

A última categoria, as teorias desenvolvidas na América latina, pode ser dividida em quatro períodos de acordo com Rosa Dalla Costa (2006), dos quais nos interessa para análise o segundo período, que corresponde a fase de apropriação de teorias norte americanas e europeias e o terceiro, que corresponde a fase de afirmação de problemas intrínsecos da sociedade latino americana e a tentativa da formulação de teorias próprias para pensar estas especificidades.

No primeiro momento do desenvolvimento das pesquisas tem-se a preocupação com o estudo do conteúdo e dos efeitos gerados pelos meios de comunicação, proposta assumida a partir da herança dos estudos administrativos desenvolvidos nos estados unidos. Em contrapartida, com as mudanças ocorridas a partir de 1960, as heranças da teoria crítica europeia deixam-se entrever nos estudos latino-americanos, cuja principal contribuição é a teoria da dependência, que preconizava que os países industrializados



possuíam um modelo de exploração para os países subdesenvolvidos. (MARQUES DE MELO, 2003). Desta teoria surge a noção largamente difundida de imperialismo cultural, do qual os produtos da mídia era o maior expoente. Após o início destas primeiras pesquisas, novas problemáticas começaram a aparecer, das quais a comunicação popular e a ideologia passada pelos meios de comunicação foram as preocupações centrais na tentativa de desenvolver uma teoria da comunicação autóctone. Ao surgirem estas questões, as tentativas de se estudar a comunicação foi a partir das práticas culturais, influenciada pelos Estudos Culturais e a Escola de Chicago, em que foram desenvolvidas pesquisas etnográficas e de observação participante do cotidiano dos indivíduos. (DALLA COSTA, 2006).

Com este breve panorama percebe-se que as teorias da América Latina seguiram dois caminhos sobre a informação que estaria presente na comunicação. Por um lado, ela se apoia na mesma posição dos estudos dos efeitos, em que a informação é considerada como uma entidade uniforme e com apenas um significado, o pretendido pelo comunicador. Desta forma, o valor da informação é tido em si mesmo e deixado de lado o contexto que a envolve, sendo entendida como unidade fixa de significado e que tem por objetivo provocar um comportamento predeterminado no destinatário. Na segunda visão ensejada de informação, vê-se a preocupação em delimitar seu sentido e efeitos a partir de uma perspectiva ampla e generalizada das relações sociais e da formação da cultura. A partir daí, a informação passa a ser o material simbólico envolvido nas trocas diárias, formando subsídios para se acessar o mundo.

Considerações finais

Ao longo de nossas considerações percebeu-se que comunicação e informação são áreas de conhecimento complementares que, de acordo com Ida Srumpf e Maria Weber (2003), possuem conexões que decretam o compartilhamento multidisciplinar entre eles, ao mesmo tempo em que conferem autonomia a cada campo do conhecimento.

Em termos conceituais, a principal interface entre informação e comunicação se dá na demarcação dos processos, sendo a comunicação uma interação através de séries de mensagens trocadas, enquanto a informação é o material dessas trocas. Entendidos desta maneira, a comunicação é o processo permanente de trocas na sociedade e a informação é entendida como a representação efetivada pelo sujeito entre um evento e



seu estoque pessoal de conhecimento, transformando-os em material simbólico que compõe a dinâmica de troca, fornecendo subsídios para a apreensão da expressão de si ou de outrem.

Apesar desta concepção fundamental que une os dois conceitos, percebeu-se que há uma profusão de entendimentos para a informação, que modificam a concepção inicial exposta acima. Nas primeiras teorias sobre os meios de comunicação a informação se limitava ao conteúdo uniforme das mensagens textuais ou visuais transmitido por eles. Após a viragem para os estudos da cultura e da estrutura das relações sociais o conceito foi entendido como o material simbólico que compõe a dinâmica de troca social de mensagens, fornecendo subsídios para que os sujeitos se expressem e interpretem os eventos. O último entendimento sobre o conceito, vinculado ao estudo da opinião pública, reside na delimitação entre informação veiculada na mídia, conhecimento adquirido e tomada de decisão na sociedade.

Desta quantidade de entendimentos pode-se extrair dois modelos mais gerais que coordenam o entendimento da informação na comunicação. O primeiro modelo é considerado estático. No momento em que olhamos para um paradigma informacional vemos a proposta de uma construção estacada, fora da ação. Encontramos também uma proposta de transmissão, no sentido de transferir, ou seja, passar para outro sem se considerar uma interpretação ou qualquer processo interveniente. Desse ponto, a comunicação é a simples tarefa de transmitir/transferir e a informação uma medida estatística da capacidade de transmissão. A garantia de comunicação é o resultado da avaliação estatística da informação. Mesmo quando se pensa em estudo dos efeitos – momento em que já se admite o significado inerente da informação e uma tímida processualidade para a comunicação – comunicação e informação são entidades monolíticas, que tem uma direção pré-estabelecida e significado pretendido. Dito isso, o primeiro modelo integrado correspondente a uma forma unidirecional, estatisticamente balizada, de significado monolítico em que a comunicação é passar uma mensagem pretendida pelo comunicador; a informação é a mensagem unívoca, que está necessariamente inscrita num suporte tecnológico.

Por outro lado, quando falamos da matriz interacional a comunicação e a informação são entendidas como processualidades, ações no seio da sociedade e são a base da própria formação social. A comunicação põe em ação os vários sentidos da informação, e nesse processo são selecionadas as representações significativas que passam a integrar a nova informação. A informação deixa de ser estática e valor de



medida, para ser considerada pragmática, que só adquirir vida e sentido na ação, sendo a comunicação um processo anterior e necessário para sua existência. A comunicação é um processo de base, que põe em circulação as interações simbólicas e rege a construção social, a partir da interpretação das mensagens, que são a própria informação.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. In: COHN, G (org). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Editora Nacional, 1971.

BLUMER, Herbert. *Symbolic Interactionism - perspective and method*. Los Angeles: University of California Press, 1984.

BRAGA, José L. Constituição do campo da comunicação. In: *Verso e Reverso*. São Leopoldo, vol. XXV, nº 58, jan/abril 2001.

DALLA COSTA, R. M. C. D.; MACHADO, D. C.; SIQUEIRA, D. *Teoria da comunicação na América Latina: da herança cultural à construção de uma identidade própria*. Curitiba: Editora da UFPR, 2006.

DEFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1993.

GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: *Mitos, emblemas, sinais – morfologia e história*. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

ILHARCO, Fernando. *Filosofia da informação: uma introdução à informação como fundação da acção, da comunicação e da decisão*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003.

LOPES, M. I. V. de (org.). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MARTINO, Luiz C. De qual comunicação estamos falando? In: HOHLFELDT, Antônio; FRANÇA, Vera; MARTINO, Luiz. C. *Teorias da comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação com extensão do homem*. São Paulo: Cultrix, 1974.



MELO, J. M. *História do pensamento comunicacional: cenários e personagens*. São Paulo: Paulus, 2003.

POLISTUCHUCK, I.; TRINTA, A. R. *Teorias da comunicação: o pensamento e a prática da comunicação social*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

PRADO, José L. A. O campo da comunicação e a comunicação entre os campos na era da globalização. In: LOPES, M. I. V. de (org.). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

RIBEIRO, Fernanda e SILVA, Armando M. da. *Das “ciências” Documentais à Ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

RÜDIGER, Francisco. *Introdução à teoria da comunicação: problemas, correntes e autores*. São Paulo: Edicon, 2004, 4ª Ed.

SERRA, Paulo. *Informação e sentido – o estatuto epistemológico da informação*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003.

STUMPF, I. R.; WEBER, M. H. Comunicação e informação: conflitos e convergências. In: LOPES, M. I. V. de (org.). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

WEAVER, Warren. A teoria matemática da comunicação. In: COHN, G (org). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus, 1998.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.